

Consequências não afetarão o Brasil

O ministro do Planejamento, João Sayad, informou ontem que o governo chegou à conclusão que se o México quebrar mesmo, as consequências para o Brasil "não serão positivas nem negativas". Sayad revelou que essa opinião surgiu terça-feira à noite, durante reunião, realizada no Palácio do Planalto, da qual participaram o próprio Sayad, o ministro da Fazenda, Dílson Funaro o presidente do Banco Central, Fernão Bracher e o secretário particular do presidente José Sarney, Jorge Murad.

Funaro, à saída da reunião do Conselho Interministerial de Abastecimento (Cinab), disse não acreditar em um pedido de moratória pelo México. O ministro observou que esse "país deverá apenas pedir suspensão de pagamentos por 90 dias, para se livrar do estrangulamento cambial". Acrescentou que na noite de terça-feira, conversou com o ministro das Finanças do México, Jesus Silva Herzog, e este lhe confirmou que o México ainda não tomou nenhuma decisão parecida com a moratória.

O Brasil — observou — compreende a situação do México, lembrando que "nós passamos por situação semelhante em 1982". O ministro evitou comentar se a quebra do México traria vantagens ao Brasil, já que esse fato levaria os bancos credores e os países desenvolvidos a assumirem posição menos rígida em relação aos devedores.

Assessores do ministro, entretanto, revelaram que o governo acha que o Brasil poderá colher bons frutos com um eventual pedido de moratória, obtendo mais concessões dos credores. Mas também lembraram que Funaro e o governo brasileiro não podem assumir essa posição abertamente, porque poderia transparecer que "estariam torcendo pela desgraça alheia".